

## **A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO GRUPAL NA ESCOLA: Possibilidades de ação coletiva em direção a práxis educativa.**

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho; Natália Camargo de Souza; Rosiane de Fátima Ponce; Anderson de Oliveira Pelegrini; Felipe Barros Nunes; Graziela Leite Bezerra; Márcio Luiz Braghin; Raphael Moraes Mendonça; Rodrigo Lima Nunes; Suelen Jane Ricardo; Tatiane da Silva Pires Félix; Thiago Henrique de Carvalho. (UNESP - Presidente Prudente – Departamento de Educação Física/ Núcleo de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP)

Formação Inicial e Continuada de Professores para a Educação Básica

### **RESUMO**

Este texto resulta do trabalho coletivo dos membros do GEIPEE-thc (Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e teoria histórico-cultural), em que procurou-se discutir nos momentos de HTPC (horário de trabalho pedagógico Coletivo), junto ao grupo gestor e professores de uma Escola pública de Ensino Fundamental de Presidente Prudente/ SP, a importância, possibilidades e limites da prática pedagógica. O objetivo dos encontros em HTPC visava construir condições diferenciadas no interior da escola, proporcionando aos professores e gestores, situações de formação continuada. Procurava-se oferecer oportunidades de reflexão sobre a prática pedagógica na escola, tendo em vista a superação de visões de senso comum presentes nas concepções e práticas dos professores, com finalidade de se construir um sentido verdadeiramente crítico de educação, visando a emancipação humana. Na consecução dessas atividades, procurou-se, compreender a realidade dos professores de forma a respeitá-los na sua totalidade histórico-social e a manifestação das suas dificuldades de relação social, procurando, a partir dessa compreensão, criar condições prático-teóricas diferenciadas para a construção de novas relações sociais na escola, permeadas pelo diálogo - valorizado como expressão humana essencial -, pelo resgate de valores como respeito, compromisso e reconhecimento do outro como um igual, e enfatizando o trabalho coletivo como importante caminho para a superação das dificuldades vividas na escola, sobretudo na relação professor-aluno e aluno-aluno.

**Palavras-chave:** Formação continuada, Trabalho Educativo, Trabalho Coletivo e Humanização.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é resultado do Projeto de Intervenção/pesquisa desenvolvido pelo GEIPEE-thc (Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria Histórico-Cultural)<sup>1</sup> numa escola pública da cidade de Presidente Prudente/SP. O projeto intitula-se “A atividade coletiva, lúdica e consciente nas aulas de Educação Física como mediadora na transformação da subjetividade humana: possibilidades práticas de superação da exclusão e da violência presentes na escola”; é financiado pelo “Núcleo de

Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP” e tem como objetivo principal construir relações sociais diferenciadas e qualitativamente superiores, visando o processo de superação da violência e consequente humanização e emancipação dos sujeitos na escola.

A intervenção e pesquisa com as crianças se desenvolveu na escola ao longo do ano letivo de 2009-2010 e procurou analisar de forma realista, as condições histórico-sociais dos estudantes participantes do Projeto, suas atitudes e manifestações “violentas”, assim como as situações educacionais vividas por esses sujeitos no interior da escola. Paralelamente foram realizados encontros com os professores das respectivas turmas nos momentos de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), com o intuito de propor momentos de reflexão sobre a prática pedagógica, tendo em vista a superação de dificuldades, conflitos e situações de violência e/ou indisciplina encontradas no decorrer de suas ações na sala de aula e em outros espaços da escola.

É evidente que um Projeto de Intervenção e Pesquisa apresenta-se como possibilidade, e não tem a pretensão de realizar, por si só, a necessária transformação qualitativa na escola, no entanto, é importante afirmar que essa possibilidade de transformação existe, desde que criadas as condições objetivas para a sua efetivação e, sem dúvidas, os professores e gestores têm papel crucial nesse processo, pois como afirma Oliveira (1996), o professor deve assumir o compromisso para com o dever-ser dos seres humanos, da escola e da sociedade e, nesse sentido, precisa fazer escolhas valorativas essenciais em direção à transformação tanto dos alunos, quanto da escola e da sociedade.

## **OS ENCONTROS NA ESCOLA**

Os encontros com os professores na escola aconteceram com a finalidade de iniciar esforços coletivos, na direção da construção de novas relações sociais e socialização de conhecimentos científicos que pudessem imprimir no grupo iniciativas coletivas de transformação da realidade escolar.

Todos os professores da escola foram convidados a participar dos encontros, os quais aconteciam quinzenalmente nos horários de HTPC (horário de trabalho pedagógico coletivo) na escola. Participavam, em média, de 15 a 20 professores, os quais, na sua maioria tinham uma participação considerada bastante satisfatória e permeada por importantes

diálogos sobre as questões colocadas no grupo. É importante dizer que tais encontros tiveram todo o apoio da direção, vice-direção e coordenação pedagógica da escola e os membros do GEIPEE é que coordenavam e orientavam as discussões.

Os temas abordados referiam-se à importância do processo grupal e a necessidade de se realizar um trabalho coletivo com a finalidade de se engendrar mudanças qualitativas na escola. Para iniciar a discussão apresentamos ao grupo de professores e gestores um texto (MARTINS, 1998) que apresentava alguns aspectos sobre o processo grupal, o qual foi intensamente discutido junto ao grupo, possibilitando reflexões acerca do cotidiano escolar e a organização dos vários grupos na escola.

É importante considerar que, a escola é um espaço de relações pessoais intensas e formada por diferentes grupos, que nela se organizam e se constituem, entre eles o grupo gestor, o grupo de professores, o grupo de funcionários, o grupo de alunos o grupo de pais, dentre outros grupos e coletivos da escola como os Conselhos de série e escola. É nestes e a partir destes diferentes e pequenos grupos que podemos observar todo o complexo de relações escolares, as necessidades individuais, os interesses coletivos e outras possibilidades grupais que, na maioria das vezes se apresentam contraditórias.

No primeiro encontro com os professores na escola, várias expectativas foram levantadas e várias questões se evidenciaram, sobretudo no que se refere à compreensão e importância do grupo na escola e seus desdobramentos para a prática pedagógica. Na discussão inicial, cujo objetivo era prover uma reflexão sobre a constituição do processo grupal, surgiram falas dos sujeitos que relacionavam grupo à situações políticas e de poder na escola; um dos professores (Prof. A) comenta que “na escola existem relações de poder, os grupos se juntam para garantir o poder” e em seguida um outro professor (Prof. B) afirma “mas estas relações de poder não devem ser autoritárias”.

Diante dessas colocações iniciais, o tema do primeiro encontro avançou às expectativas, tendo em vista que foi possível discutir o grupo na sociedade capitalista, suas características e relação entre grupo e poder. A discussão continuou acirrada, sobretudo quando outros professores alimentaram a discussão com as seguintes falas: Prof. C: “Este poder pode ser perigoso, pois até mesmo entre os alunos existe um que se sobressai

sobre os outros que ficam quietos, e seria interessante os ouvir”; Prof.D: “Devemos aprender administrar a liderança, pois nem sempre a pessoa será líder e pode se frustrar” e Prof. E “A liderança deve ser construída socialmente e não reconhecida como natural, inata”. (*Anotações do diário de campo/ set. 2010*)

Considerando as falas acima, tão significativas para um início de discussão com o grupo de professores, e aproveitando essa possibilidade, os membros do GEIPEE, engendraram uma discussão acerca do reconhecimento da escola como um espaço político, em constante transformação, local onde se entrecruzam e se chocam, interesses diversos e antagônicos, grupos diversos e em conflito, disputas por espaços de poder. Isso nas diferentes relações sociais encontradas na escola, de forma a negar o espaço escolar como um espaço harmônico, neutro e apaziguador do espírito humano. Pelo contrário, enfatiza-se que a escola se mostra como um espaço repleto de contradições e conflitos entre grupos e pessoas, situação essa que precisa ser compreendida dialeticamente, e da mesma forma tratada, para a proposição de ações transformadoras da sua realidade.

Entende-se que esta concepção de grupo, pouco compreendida pela maioria dos sujeitos na escola, os quais, normalmente esperam harmonia plena entre os sujeitos na escola, nos remete a refletir sobre os parâmetros presentes nos fenômenos grupais no interior da história, suas formas de organização e movimento, seu teor dinâmico e em constante transformação, para assim compreendermos a organização grupal como um processo dialético. Identifica-se que no grupo se manifestam relações de poder e também apresentam-se elementos essenciais com significação social que produzem a finalidade da atividade grupal, constituindo assim, o processo grupal, permeado por relações humanas ativas, variadas e, por isso, contraditórias.

Na escola, o fenômeno grupal deve ser compreendido de forma análoga, e tanto os professores, quanto os gestores, ao refletirem sobre as relações sociais e grupais, identificam essas características nos grupos, no entanto, pouco refletem sobre o seu próprio grupo, e se remetem, na maioria das vezes, a atuação e organização do grupo de alunos, de forma a criticá-los de forma veemente e apontar os seus limites, sem, no entanto, compreender a relação que se estabelecem entre os variados grupos na escola, inclusive o grupo de professores e gestores.

É interessante notar que os professores e gestores não realizam análises críticas sobre o seu grupo, no entanto, ao se referirem ao grupo de alunos são bastante rígidos em suas falas. Em muitos momentos afirmam a existência de líderes negativos e grupos de alunos indisciplinados e violentos, como se tais grupos fossem naturais e imutáveis, cristalizados na escola, e como se os mesmos não recebesse influência direta, sobretudo do próprio grupo de professores.

Considerando os pressupostos da Teoria histórico-cultural, deve-se compreender que o grupo torna-se parte essencial dos sujeitos humanos, sobretudo porque a aprendizagem infantil passa pelas relações sociais, e a criança necessita de pessoas mais experientes, que dominem a cultura e possam ensiná-la. A criança constrói a capacidade de assimilar as condições de vida e educação, mas não possui condições de sozinha desenvolver-se humanamente (MELLO, 2007) e é importante que se diga que é na escola que esse processo se efetiva.

Em outros momentos de discussão na escola, os professores e gestores, foram instigados a refletir sobre a seguinte afirmação: “A escola não deve reproduzir o que está posto na sociedade, mas sim possibilitar acesso a conteúdos humano-genéricos e possibilitar que todos os alunos tenham as mesmas possibilidades de se apropriar desses conteúdos” e esta afirmação teve a finalidade de valorizar a escola como local especial de apropriação da cultura letrada, da cultura científica, dos conteúdos sistematizados pela humanidade (SAVIANI, 2000), enfatizando que é nessa direção que se realizará a humanização dos seres humanos.

Como afirmamos anteriormente, a escola é um espaço em que diferentes grupos se constituem, e sua função sociopolítica está intimamente ligada ao ensino do conhecimento científico e da cultura. O processo grupal na escola visa à superação das dificuldades no coletivo, alcançando assim o principal objetivo, o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e, sobretudo, criar condições coletivas de discussão e apropriação de conteúdos essenciais para que as individualidades sejam construídas na escola numa direção humano-genérica (DUARTE, 1993)..

Para avançar nos interesses coletivos de convivência social, o grupo precisa relacionar-se com os outros grupos, compreender e estabelecer relações democráticas de poder (MARTINS, 2003). No caso do trabalho na escola, discute-se com os professores e gestores a importância de cada

grupo (gestor e dos professores) estabelecerem relações mais próximas, cordiais e democráticas no contato com o grupo dos alunos, no sentido de levar em conta as necessidades dos estudantes e, desta forma, garantir que todos tenham acesso à produção intelectual e cultural, bem como, a expressar seus pensamentos e sentimentos de forma consciente e livre. Uma fala de um dos membros do GEIPEE esclarece que: “sabemos que, na maioria das vezes, é mais simples mantermos as coisas como estão, no entanto, na busca do melhor desenvolvimento de todos nós, tanto os alunos, como nós professores, precisamos possibilitar condições mais igualitárias na escola, sabemos que mudar é mais difícil, mas não podemos perder a esperança” (*Anotações do diário de campo/ set. 2010*).

Discutiu-se posteriormente o quanto o professor assume um papel preponderante no desenvolvimento da criança, sua mediação se torna indispensável, pois, com a ajuda do professor, a criança poderá aprender não somente conteúdos escolares, mas, a partir deles, aprender valores, comportamentos, modos éticos de agir na relação com o outro, aprender, portanto, a lidar com a realidade (LEONTIEV, 1989). Nesse sentido, valoriza-se o papel do professor como pessoa capaz de ensinar a criança a desenvolver comportamentos e qualidades psíquicas essenciais que caracterizam o homem na sua plenitude humana (LEONTIEV, 1978).

No entanto, enfatiza-se que, para o professor, assumir essa tarefa no processo de construção humana, o mesmo deve ter apoio, incentivo, troca de experiências, acesso a conhecimentos fundamentais, sobretudo no que se refere a métodos e metodologias de ensino, ampliação de sua bagagem cultural, enfim, devem ser criadas as condições necessárias para que em grupo e no grupo, o professor resgate o seu papel de intelectual da educação e, reitera-se que o trabalho em grupo torna-se imprescindível nesse processo, tendo em vista que é no grupo que o professor poderá explicitar suas necessidades, expor suas fragilidades, dificuldades e, principalmente, reivindicar condições adequadas de desenvolvimento com a finalidade de melhorar seu trabalho educativo em direção à uma ação efetivamente transformadora na escola.

Considerando a fala de alguns professores, é possível identificar o quanto os mesmos valorizam o estar junto, a participação coletiva no enfrentamento dos problemas que surgem em suas vidas e na escola. O Professor A afirma que “é de suma importância o outro para ajudar a resolver

problemas, angustias que temos e não damos conta de resolver sozinhos”; o Professor F afirma que “nos movemos e nos aproximamos por identificação e nos excluimos por não compartilhar da mesma ideologia”; O Professor A reitera: “Muitos professores tem sofrido angustias e isso reflete na saúde destes. Se tivéssemos com quem compartilhar talvez não seria tão difícil”. (*Anotações do diário de campo/ set. 2010*). Enfim, são falas emblemáticas que valorizam o outro em suas vidas, valorizam o grupo e as possibilidades que o grupo oferece para a solução de dificuldades, como apontamos acima.

Afirma-se, portanto, a importância do estabelecimento de relações grupais conscientes na escola, e que somente o processo grupal permite a reflexão individual e coletiva, possibilitando que os membros participantes do processo, se conscientizem e formem sua identidade grupal, estabeleçam relações intrínsecas entre os interesses pessoais e os interesses do coletivo. O processo grupal é o espaço para a problematização do cotidiano, para o desencadeamento de novas relações e vínculos afetivos, para a expressão de opiniões e sentimentos e por isso deve ser valorizado como um espaço de humanização (MARTINS, 2003).

É importante salientar que é a partir do grupo que torna-se possível identificar as diferenças e as semelhanças nos indivíduos, assim como suas possibilidades e limites, suas necessidades e expectativas em relação ao outro e ao grupo como um todo. É no processo de informação, conhecimento e formação no grupo que evidenciam-se os problemas, assim como as soluções, no grupo são possibilitados confrontos de conhecimentos, experiências, sentimentos e valores, fatores que geram reflexão e a valorização dos indivíduos participantes, impulsionando-os para a ação, para o fazer coletivo crítico e transformador da realidade humana e social. Ilustramos essa reflexão a partir das falas abaixo: Um membro do GEIPEE afirma que “Precisamos de condições que nos façam humanos no ambiente de trabalho e somente um grupo mais humanizador nos proporcionará isso”. O Professor H: afirma que “devemos dialogar para resolver estes problemas existentes, e é necessário que exista no mínimo o respeito, o que não seria fácil”; o Professor C e Professor I declaram que a escola (onde se realiza esse trabalho) é diferenciada, pois, alguns professores que foram para outras escolas sofrem com o individualismo e até adoecem. Ambos os Professores afirmam ainda que trabalhar em grupo e em escolas menores (como a escola

onde o trabalho se realiza) é mais fácil. (*Anotações do diário de campo/ set. 2010*).

Em meios aos trabalhos, pensou-se em organizar um encontro voltado a questão da afetividade no grupo e programou-se uma dinâmica de integração dos participantes, onde cada membro do grupo deveria manifestar-se de forma afetiva para com o outro, dizendo-lhe algumas palavras acolhedoras e realizando um gesto de afetividade para com o outro. Foi bastante interessante perceber o quanto o grupo, apesar de ativo nas discussões teóricas implementadas, o grupo de professores mostrou-se bastante tímido no que se refere a manifestação de afetividade.

A primeira fase deste trabalho de integração e afetividade foi reunir as pessoas em círculo, e um membro do GEIPEE afirma que “reunir-se em círculo é um costume antigo e o círculo facilita a comunicação em grupo, pois todos podem olhar para os rostos dos demais”. Esta afirmação desencadeou várias observações, relatadas abaixo e que possibilitaram discussões muito interessantes: O *Professor F afirma*: “Me sinto indignado com a forma que a sala se organiza. Lousa e filas. Proponho que mudemos um pouco a estrutura da sala”; O *Professor A afirma que* “A realidade que os alunos encontrarão não será essa. A vida real lá fora é cassete mesmo, tem que se virar lá fora”; O *Professor C reitera* “A realidade lá fora não é assim, as provas do Saesp e concursos que futuramente as crianças farão. A criança terá que se acostumar a cuidar de suas coisas”, o *Professor F afirma*: “Depende da situação! trabalhar em grupo é sempre muito interessante” Um membro de GEIPEE afirma que “Para Vigotsky, o individuo aprende melhor em grupo” e a discussão acontece de forma a se enfatizar a importância do trabalho em grupo, apesar da dificuldade de fazê-lo, pois, de certa forma, a escola está preparada para realizar trabalhos individualizados, mas, enfatiza-se que é possível mudar esse processo valorizando o trabalho coletivo a escola. (*Anotações do diário de campo/ out. 2010*). Foi interessante notar nesse dia, o quanto a proposta foi transformada, pois, previa-se um momento de integração entre os membros do grupo e, na verdade o que se efetivou foi mais uma discussão teórica, fato que nos possibilita compreender o quanto a afetividade, infelizmente, não encontra lugar na escola, tornando as relações extremamente formais e distantes, como se o ser humano fosse apenas sua cognição e não uma totalidade, síntese de muitas determinações.

É Vigotsky (2001) quem afirma que para se chegar ao nível potencial, a criança necessita da mediação do adulto, ou de um parceiro mais experiente, incluindo aí a afetividade da relação, cujo objetivo é lançar novas possibilidades de ação, em que o sujeito é movido por motivos sociais e, portanto, também afetivos, pois a motivação humana não é algo natural, mas sim, construída nas relações estabelecidas com o outro.

Partindo do enfoque histórico cultural para a questão, pode-se afirmar que esse processo de aprendizagem que se efetiva com o outro e a partir do outro, enfatiza a possibilidade de transformação qualitativa da escola, pois se evidencia a importância do grupo, do encontro e da identificação com o outro e com os objetos culturais, para a efetivação do processo de aprendizagem, tendo em vista que o indivíduo atinge a plenitude de desenvolvimento se forem criadas as condições objetivas para isso e se, nesse processo, contar com a orientação do outro e na escola, o professor torna-se essencial para desencadear esse processo.

Num outro momento de discussão sobre a questão dos processos de aprendizagem na escola, os professores participantes na discussão apontaram que: *Professor F*: “A situação de aprendizagem e avaliação são distintas, mas o sujeito que melhor aprende em grupo sairá bem nas avaliações [individuais]”; O *Professor R*: [relata seu próprio exemplo] “quando estudava sozinho não atingia o nível de aprendizado das discussões do grupo. Lembro-me que para a prova do concurso, estudei sozinho, porém o que me ajudou foi às discussões feitas no grupo. O Professor L afirma: “considero o processo de aprendizagem em grupo muito importante, pois por mais que a avaliação seja individual, o que se aprende em grupo é válido neste momento”. O *Professor C* [Pergunta] “Será que o professor trabalha demais em grupo?” e afirma “o trabalho em grupo causa uma reviravolta na sala, os alunos só funcionam no momento tradicional, militar” e continua “a sociedade é muito individualista e preconceituosa”. Diante dessas afirmações contraditórias presentes no grupo, os membros do GEIPEE encaminharam uma discussão no sentido de ponderar o quanto a sociedade cria o individualismo, a competição, a valorização do indivíduo por ele mesmo, no entanto, na escola esse processo pode e deve ser revertido (*Anotações do diário de campo/ out. 2010*)

Os encontros com os professores e gestores e membros do GEIPEE, ao final do processo, foram avaliados, e constatou-se, de forma geral, o quanto

tais momentos foram significativos aos participantes, tornando, segundo várias opiniões, o HTPC mais dinâmico, mais interessante na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, a partir dos vários encontros realizados na escola e considerando as concepções e práticas apresentadas pelos professores, gestores e membros do GEIPEE ao longo do processo, pode-se concluir que um trabalho dessa natureza torna-se relevante na escola, sobretudo porque remete todo o grupo envolvido no trabalho a realizar reflexões sobre a importância e valorização da escola, como um local privilegiado para a efetivação de um trabalho humanizador. Compreende-se que para a efetivação de um processo grupal, dialógico, livre e democrático, uma escola pequena, onde as relações sejam diretas e significativas, construídas e partilhadas no dia-dia, oferece maiores possibilidades de consolidação dessa proposta, como se identifica que aconteceu na realização desse trabalho.

Salienta-se também a necessidade de se reconhecer a escola como espaço diferenciado de formação da humanidade nos homens, sobretudo porque é nela que se encontram as possibilidades de apropriação de conteúdos fundamentais como a ciência, a filosofia, a ética, a política, as artes, a cultura corporal, dentre outras objetivações essenciais ao desenvolvimento pleno dos seres humanos.

Decorrente dessa importância da escola na formação e na vida dos seres humanos, é que deve-se implementar, no interior da própria escola, possibilidades de construção do processo grupal, de união consciente e crítica dos professores, gestores e demais sujeitos escolares, com a finalidade de resgatar o espaço escolar como um espaço de práxis educativa, um espaço onde as pessoas sejam reconhecidas e respeitadas na sua maneira de ser e viver, as quais têm o direito de se apropriar da cultura nas suas várias dimensões e possibilidades.

Há que se envidar esforços coletivos para a efetivação de um processo de construção de relações sociais significativas na escola, enfatizando o diálogo como possibilidade humanizadora essencial, sobretudo nos momentos de resolução de conflitos, considerando que é pela via das relações intersíquicas, mediadas por signos e símbolos construídos pela humanidade, que cada sujeito humano terá condições de construir sua

capacidade intrapsíquica e, nesse processo, se desenvolver de forma plena e universal (VIGOTSKY, 2001).

Para a consolidação desse processo de construção e humanização na escola, defende-se a importância do processo grupal como possibilidade real, tendo em vista a transformação qualitativa das relações sociais, educacionais e humanas na escola, valorizando-o como via de acesso a uma práxis educativa de caráter revolucionário, ou seja, uma prática educativa com finalidades críticas, uma prática que valorize a ação material como possibilidade concreta de transformação da realidade.

A construção dessa práxis educativa requer esforço de organização coletiva e há muito que se fazer na escola para isso, no entanto sabemos que, um grupo, para ter sua identidade, membros comprometidos e movimentos críticos e transformadores, precisa definir claramente: ideais, motivações, comunicação, objetivos, processos decisórios, relacionamento, inovação, liderança e, sobretudo, suas ações práticas, considerando que o objetivo a ser atingido precisa ser comum a todos, compreendido e aceito por todos, assim como os objetivos individuais devem ser compatíveis com os coletivos, de forma a tornar o grupo mais forte e coeso, considerando essas possibilidades tanto para o grupo de professores, gestores, estudantes, como também o grupo de pais que participam da escola e isso tudo se constrói pela ação, pela ação efetiva dos seres humanos organizados em grupo e, obviamente, leva tempo, dedicação e compromisso social. (MARTINS, 2003).

Para finalizar a discussão, enfatizando a importância da formação continuada do professores na escola e a formação do processo grupal como possibilidade fundamental de desenvolvimento dos sujeitos na escola, nos retemos as palavras de GATTI (2000, p.100) que afirma:

“O desafio não é simples. Em nosso país, a complexidade da questão [da formação dos professores] se amplia dadas nossas condições de ensino, em que boa parte daquilo que é fundamental e que em outras nações já se fez, aqui ainda se está por fazer. O desafio está em suprir as necessidades não satisfeitas até aqui ao mesmo tempo em que se atendem aos novos cenários em desenvolvimento” (GATTI, 2000, p.100).

Enfim, entendemos que há muito que se fazer, no entanto, o tempo urge na escola e temos a sensação que não podemos deixar para depois, pois, da forma como anda a educação e a escola, medidas práticas e efetivas precisam ser alavancadas pelos sujeitos da escola, onde os professores tem

tarefa primordial, pois, como afirmamos, são os sujeitos do processo de transformação da escola e da sociedade.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

DUARTE, N. **A individualidade para-si**. Campinas: Autores Associados, 1993.

GATTI, B. **Formação de professores e carreira**. Campinas: Autores Associados, 2000.

LANE, S.T.M. **O Processo Grupal**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEONTIEV, A. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In. VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; **Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem**. 4ª ed. São Paulo: Ícone, EDUSP, 1989.

MARTINS, S. T. F. PROCESSO GRUPAL E A QUESTÃO DO PODER EM MARTÍN-BARÓ. **Psicologia & Sociedade**; 15 (1): 201-217; jan./jun.2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n1/v15n1a11.pdf>> Acesso em: Set. 2010.

\_\_\_\_\_. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade**; v.19 n.spe2 Porto Alegre 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000500022&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500022&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: Set. 2010.

MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Florianópolis: **PERSPECTIVA**, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 25 mai. 2008.

OLIVEIRA, B. **O trabalho educativo**. Campinas: autores associados, 1996.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

#### **Notas**

<sup>1</sup> O GEIPEE-thc é um grupo de estudos, intervenção e pesquisa em Educação Escolar que toma como referencial teórico-metodológico a Teoria Histórico-cultural e é composto pelos autores deste artigo e Coordenado pelo Prof. Dr. Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho, do Departamento de Educação Física e pela Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce do Departamento de Educação, ambos da FCT-UNESP-Pres. Prudente.